

Ana María Díaz Ferrero  
José Antonio Sabio Pinilla  
*Universidad de Granada* (Espanha)

**Uma experiência virtual de tradução:**  
*El atril del traductor (Portugués)*

## Resumo

*El atril del traductor* é uma página da Internet do Instituto Cervantes que se encontra no endereço: [http://cvc.cervantes.es/aula/el\\_atril/](http://cvc.cervantes.es/aula/el_atril/)

É uma sala de aula de tradução virtual dividida em três secções: *Aula de prácticas*, *Taller virtual de traducción* e *Foro de debates* e com três combinações linguísticas: francês-espanhol, português-espanhol e inglês-espanhol. O objectivo deste sítio é oferecer aos participantes a possibilidade de realizarem exercícios para aprofundar os seus conhecimentos sobre a tradução, receber orientação sobre a apresentação de trabalhos e entrar em contacto com outros participantes para intercâmbiar opiniões.

Neste artigo vamos expor de maneira pormenorizada o conteúdo e modo de funcionamento das três secções do *Atril del traductor* (português). Vamos comentar também o tipo de participantes e de intervenções, as dúvidas e dificuldades de tradução mais frequentes e as observações que realizamos dia a dia nesta página da Internet.

## Resumen

*El atril del traductor* es una página de Internet del Instituto Cervantes que se encuentra en la siguiente dirección: [http://cvc.cervantes.es/aula/el\\_atril/](http://cvc.cervantes.es/aula/el_atril/)

Se trata de una clase de traducción virtual dividida en tres secciones: *Aula de prácticas*, *Taller virtual de traducción* y *Foro de debates* y que incluye tres combinaciones lingüísticas: francés-español, portugués-español e inglés-español. El objetivo de este sitio es ofrecer a los participantes la posibilidad de realizar ejercicios de traducción y profundizar en los problemas de esta práctica, recibir orientación sobre la presentación de trabajos y entrar en contacto con otros participantes para intercambiar opiniones.

En este artículo vamos a exponer de manera pormenorizada el contenido y modo de funcionamiento de las tres secciones del *Atril del traductor* (portugués). Vamos a comentar también el tipo de participantes y de intervenciones, las dudas y dificultades de traducción más frecuentes y las observaciones que realizamos cada día en esta página de Internet.

## Résumé

*El atril del traductor* (L'appui-livres du traducteur) est un site web de l'Institut Cervantes qui se trouve à l'adresse suivante: [http://cvc.cervantes.es/aula/el\\_atril/](http://cvc.cervantes.es/aula/el_atril/)

Il s'agit d'une classe de traduction virtuelle divisée en trois parties: *Aula de prácticas* (Cours pratique), *Taller virtual de traducción* (Atelier virtuel de traduction) y *Foro de debates* (Forum des débats). *El atril del traductor* se fait en trois combinaisons linguistiques: français-espagnol, portugais-espagnol et anglais-espagnol.

Parmi ses objectifs, il s'agit de donner aux participants la possibilité de pratiquer la traduction et d'approfondir dans cette pratique, ainsi que l'occasion de se faire guider pour ce qui est la présentation des travaux et de se mettre en rapport avec d'autres participants.

Dans cet article nous voudrions faire une présentation complète du contenu et du fonctionnement des trois parties de *El atril del traductor* (portugués) sans oublier le type des participants et d'interventions, les doutes et les difficultés de traduction rencontrés et enfin les commentaires et réflexions que nous faisons chaque jour en tant que professeurs sur ce site web.

## 1. O CVC (*Centro Virtual Cervantes*)

O *Centro Virtual Cervantes* (<http://cvc.cervantes.es>) é um sítio na Internet criado e mantido desde 1997 pelo Instituto Cervantes. O CVC visa principalmente promover a difusão da língua espanhola e da cultura hispânica e servir de ferramenta de trabalho ou consulta a profissionais como tradutores, terminólogos, hispanistas ou professores de espanhol. O seu conteúdo, que se encontra em permanente actualização, é dividido em cinco grandes rubricas:

*Actos culturales.* Nesta secção é possível visitar, entre outras coisas, exposições temáticas culturais como *Las mujeres en Goya* do Museu do Prado, monografias sobre autores da cultura hispânica ou recriações virtuais de espaços arquitectónicos como a Mesquita de Córdoba.

*Aula de lengua.* É um espaço destinado especialmente a professores e alunos que tenham o espanhol como língua estrangeira ou como língua materna. Aqui o utilizador encontrará material para o ensino da língua espanhola como fichas didácticas para professores ou exercícios interactivos. É nesta rubrica que se encontra *El atril del traductor*, que vamos comentar de forma pormenorizada posteriormente.

*Oteador.* É um directório com ligações culturais em espanhol (bibliotecas, meios de comunicação ou literatura). Funciona como uma espécie de biblioteca do CVC.

*Foros.* Há quatro fóruns permanentes (*Foro del hispanista*, *Foro didáctico*, *Foro del español de hoy y mañana* e *Foro TIC* — Terminologia Informática e das Comunicações), moderados por especialistas e onde se colocam perguntas e dúvidas acerca de temas literários e linguísticos da língua espanhola bem como da cultura hispânica ou questões relacionadas com a terminologia informática e das comunicações.

*Obras de referencia.* Nesta secção podem consultar-se diferentes tipos de obras: edições críticas de literatura, actas de congressos, estudos linguísticos, literários ou sobre tradução.

Encontramos ainda quatro secções que são actualizadas diariamente: *Rinconete* (artigos e concursos com conteúdo cultural: cinema, história, artes plásticas, literatura, língua espanhola, música, etc.); *Rayuela* (exercícios e jogos interactivos para estudantes e professores de espanhol); *El trujamán* (dedicado à tradução em todas as suas vertentes, mas, sobretudo, visa expor as reflexões dos tradutores ligados à cultura hispânica) e *DidactiRed* (fichas didácticas e exercícios para a sala de aula de espanhol).

### 1. 1. *El atril del traductor*

*El atril del traductor* — uma aula virtual de tradução — é uma secção da *Aula de lengua* do CVC [http://cvc.cervantes.es/aula/el\\_atril/](http://cvc.cervantes.es/aula/el_atril/).



+ Foro de debate +

Portugués    Francés

Inglés

Sobre «El atril del traductor»

«[...] y no por esto quiero inferir que no sea loable este ejercicio del traducir porque en otras cosas peores se podría ocupar el hombre, y que menos provecho le truxessen.»

Miguel de Cervantes Saavedra  
El ingenioso hidalgo don Quixote de la Mancha

---

# EL ATRIL DEL TRADUCTOR

Patrocinado por 

A origem destas aulas virtuais remonta a um projecto apresentado na Expolingua de 1998 por dois professores da Universidade *Alfonso X el Sabio* de Madrid, Íñigo Sánchez Paños e Antonio Roales. A ideia era aproveitar as potencialidades que a Internet oferece para leccionar aulas de tradução e dar aos participantes a oportunidade de trocarem opiniões ou apresentarem dúvidas. O CVC apoiou a ideia e a 6 de Março de 2000 estes dois professores juntamente com Elena Michelle Cano inauguraram *El atril del traductor* com a combinação linguística francês-espanhol. Um ano depois, em 2001, começava a combinação português-espanhol e, por último, em 2002, a combinação inglês-espanhol.

Esta secção do CVC destina-se especialmente a estudantes de Tradução, mas também está pensada para professores e profissionais da tradução. Os objectivos desta secção são, por um lado, ajudar a consolidar os conhecimentos dos estudantes; esclarecer dúvidas; entrar em contacto com estudantes de combinações linguísticas idênticas ou diferentes; e, por outro, orientar os trabalhos escritos no que diz respeito à apresentação geral do texto e às questões relativas à ortografia e tipografia. Cada uma das combinações linguísticas encontra-se dividida em três secções: *Aula de prácticas de traducción*, *Taller virtual de traducción* e *Foro de debates para estudiantes de Traducción*.

## EL ATRIL DEL TRADUCTOR de Portugués



**Aula de prácticas de traducción**

**Taller virtual de traducción**





### 1. 1. 1. *Aula de prácticas de traducción*

Como o nome indica, trata-se de uma secção em que o estudante pode realizar exercícios de tradução. Está dividida em duas partes: *Frases activas* e *Pizarra*. Em *Frases activas* há sempre cinco frases para traduzir. O estudante tem de propor um contexto — uma situação comunicativa concreta — para a frase que deseja traduzir, isto é, deve responder às seguintes perguntas: quem disse a frase, para quem, como, onde, quando, etc. Cria-se, assim, um espaço para a reflexão em que o estudante justifica a proposta de tradução e permite iniciar um debate sobre as traduções realizadas. Quando uma frase é traduzida várias vezes (sete ou oito), os professores de cada uma das línguas fazem os comentários e, se for preciso, incluem umas observações gerais; a seguir, as traduções comentadas são publicadas numa espécie de quadro designado por *Pizarra*.

Nesta secção, os alunos devem preencher um pequeno questionário com os seus dados pessoais; decorridos alguns dias, é-lhes enviado um correio electrónico informando-os de que podem consultar os comentários dos professores na *Pizarra*, bem como outras informações relacionadas com as actividades de *El atril*.

Em relação ao número de propostas realizadas nesta secção, os dados que possuímos a 27 de Setembro de 2003 são os seguintes: 5 528 participações em *El atril* das quais 2 256 são de francês, 1 664 de português e 1 608 de inglês com uma média de 11,6; 11 e 14,5 participações por frase, respectivamente.

#### 1. 1. 2. *Taller virtual de traducción*

É uma oficina de tradução colectiva *online* semelhante a um exercício numa sala de aula, que é realizada geralmente de três em três semanas. O texto aparece na página de *El atril* dez dias antes da tradução colectiva para que os estudantes possam reflectir sobre as suas principais dificuldades. Os textos são breves, de dez ou doze linhas, com o intuito de facilitar os comentários dos professores durante os noventa minutos que dura a oficina. São textos com frases curtas que permitem a sua segmentação e facilitam a tradução num espaço virtual. Alguns dias depois, uma vez corrigidos os erros ortográficos e tipográficos pelos professores, o texto da tradução colectiva é publicado na secção *Talleres anteriores* de *El atril*.

#### 1. 1. 3. *Foro de debates para estudiantes de Traducción*

É um sítio de debates em que podem participar todos os estudantes de Tradução. Permite apresentar dúvidas, expressar opiniões e introduzir novos temas. Na actualidade, há sete debates activos, entre os quais salientamos o debate que diz respeito às questões da tradução jurídica e ajuramentada (*La traducción jurídica y jurada*) e outro sobre o ensino da Tradução (*¿Enseñar a traducir o aprender a traducir?*). É possível ainda participar num fórum específico sobre *El atril* de cada combinação linguística (*Comentarios a la pizarra del APT de francés, portugués e inglés*) onde os estudantes podem fazer sugestões, comentários ou críticas. Por último, existe um *Foro abierto* onde são discutidos temas de terminologia, ortografia, tipografia, material didáctico, lexicografia e glossários especializados de tradução, entre outros.

### 2. *El atril del traductor (Portugués)*

Desde o início em Abril de 2001 até 27 de Setembro de 2003 na secção *Aula de prácticas de traducción (Portugués)* foram traduzidas 175 frases com 1 664 participações, o que representa 30,1% da totalidade das participações em *El atril*. Por outra parte, na secção de *Talleres* realizaram-se 13 oficinas (*talleres*) — 12 traduções colectivas e um encontro virtual com o tradutor ajuramentado Florentino Muñoz Estupiñá. Neste encontro, com base na experiência profissional deste tradutor, foram discutidas algumas questões como a situação dos tradutores ajuramentados em Espanha, o mercado de trabalho e o tipo de documentos mais traduzidos.

É difícil determinar o perfil dos estudantes que participam em *El atril*, visto que são bastante heterogéneos. Metade das participações na *Aula de prácticas de traducción* foram realizadas por estudantes de língua materna espanhola (863), seguem-se os estudantes de língua materna portuguesa (559) e, em número bastante inferior, os estudantes de língua inglesa (127) e alemã (43). A maioria são espanhóis e brasileiros; porém, também participam estudantes portugueses, alemães, norte-americanos, etc. De um modo geral, os alunos não conhecem suficientemente bem uma das duas línguas envolvidas na tradução. Os estudantes lusófonos têm dificuldade com a língua espanhola (língua de chegada) e os hispanofalantes têm problemas com a portuguesa (língua de partida), o que origina erros de expressão nos primeiros e problemas de compreensão nos segundos. A proximidade linguística e o escasso conhecimento das línguas provoca interferências frequentes. Muitas das perguntas do *Foro* têm a ver com problemas relacionados com o desconhecimento das línguas e com o uso das variedades linguísticas tanto portuguesas como espanholas. (Veja-se, a título de exemplo, o debate sobre a palavra «pólicia» da frase 95 em que se questionava o uso desta palavra no Brasil e em Portugal para se referir a ‘um agente da corporação da polícia’ ou à ‘própria corporação’.)

Na secção de *El atril* tentamos mostrar as diferentes variedades da língua portuguesa — brasileira, europeia e africana —, embora, como reflexo do actual mercado de trabalho, as duas primeiras se encontrem mais representadas. Para facilitar a contextualização geográfica das frases, dado que aparecem sem a indicação da fonte, procuramos seleccionar frases que manifestem claramente a sua origem, quer pela grafia («Eu apadrinhei a sua estreia profissional como actor») ou pelo léxico («Carros e ônibus incendiados também podem ser encontrados pelas ruas de Díli, a capital de Timor Leste»), quer pelo conteúdo ou referências culturais («Não há guerra que valha uma mulata a sambar»; «A cana-de-açúcar constitui a base da produção do grogue») ou pela estrutura gramatical («Começou fazendo alguns poucos pratos e foi aumentando e sofisticando o cardápio aos poucos»).

Os textos seleccionados para a tradução colectiva dos *Talleres* foram tirados de obras literárias portuguesas (*O Mandarim* de Eça de Queirós), brasileiras (*A Casa dos Budas Ditosos* de João Ubaldo Ribeiro) ou angolanas (*O Cão e os Caluandas* de Pepetela). Além disso, temos utilizado textos jornalísticos, turísticos e gastronómicos. Relativamente às frases seleccionadas para a secção *Aula de prácticas de traducción* são também procedentes de obras literárias, de revistas, artigos jornalísticos, de folhetos informativos ou inclusive de textos especializados ou semiespecializados.

Os comentários que fazemos têm uma função didáctica, evitam a terminologia especializada e procuram dar sugestões ou propostas mais do que propriamente normas ou regras fixas de tradução. Estes comentários incidem muitas vezes sobre aspectos profissionais (apresentação dos trabalhos ou questões de ortografia e tipografia) e advertem para a necessidade de ler atentamente os textos e para a revisão posterior. Além disso, chamamos a atenção sobre a importância de redigir correctamente em espanhol, isto é, conforme as convenções ortográficas e gramaticais da RAE (Real Academia Espanhola). A variedade que recomendamos na língua de chegada é a língua espanhola padrão; por isso, aconselhamos evitar expressões ou fórmulas regionais léxicas ou sintácticas marcadas, como o *leísmo*. Porém, se o aluno assinala na contextualização um destinatário específico da tradução (argentino, mexicano, chileno, etc.), a proposta é aceite.

Passemos a analisar alguns casos concretos de frases traduzidas nas *Aulas de prácticas de traducción*.

## 2. 1. Comentários sobre a *Aula de prácticas de traducción* (Português)

Não pretendemos oferecer uma análise exaustiva das dificuldades da tradução português-espanhol. O nosso propósito é dar uma visão geral dos problemas de tradução que temos vindo a encontrar, assinalando as dificuldades mais evidentes de maneira a contribuir

positivamente para o estudo da tradução desta combinação linguística. Comentaremos não só os erros das traduções, mas também aqueles casos em que as dificuldades se resolveram com sucesso.

Devido à proximidade linguística e ao escasso conhecimento de uma das duas línguas, o estudante tem por hábito traduzir literalmente, ou palavra por palavra, uma prática possível em muitos casos e defendida por alguns teóricos como López Guix (1997: 257): «Como norma general a quienes se inician en la traducción cabría recomendar que se intentara realizar una traducción literal y que luego se efectuaran los ajustes correspondientes si el texto resultante no funciona». Um exemplo deste tipo de tradução literal — palavra por palavra — é a proposta 7 da frase 25:

«A cana-de-açúcar constitui a base da produção do grogue.»  
*La caña de azúcar constituye la base de producción del grog.*

No entanto, tratando-se de línguas tão próximas, a literalidade pode tornar-se numa ameaça para realizar uma boa tradução como podemos observar na proposta 12 da frase 46:

«À entrada de todos os cinemas há sempre um balcão com imensas máquinas de pop-corn, diante do qual se formam sempre imensas bichas.»  
*En la entrada de todos los cines siempre hay un **balcón** con **inmensas** máquinas de palomitas, delante de del cuál [sic] siempre hay inmensas colas.*

Ou na proposta 1 da frase 44:

«Chegou com os três filhos, dois pela mão, um ao colo.»  
*Llegó con los tres hijos, dos de la mano y uno **al cuello**.*

Existem expressões ou frases para as quais não é possível encontrar um equivalente semântico literal sem ter em consideração os valores comunicativos. Além dos factores linguísticos, convém analisar o valor pragmático de algumas frases, o que ajudará a interpretar o enunciado em função da situação comunicativa ou da intencionalidade. São fórmulas estereotipadas que o aluno deve conhecer para poder escolher um equivalente convencional na língua de chegada como acontece com o remate de uma carta na frase 16: «Subscrevo-me com os melhores cumprimentos e a máxima consideração.» A tradução literal desta frase — «*Me suscribo con los mejores saludos y la máxima consideración*» — não é adequada porque essa não é a fórmula para terminar uma carta em espanhol, mas sim «*Aprovecho la ocasión para saludarlo atentamente*», «*Reciba mi más cordial saludo*» ou, mais formal ainda, «*Aprovecho esta oportunidad para hacerle llegar el testimonio de mi consideración y mis mejores saludos*». Isto também acontece nas fórmulas para atender o telefone ou nas mensagens do atendedor como na frase 39: «Alô, no momento não posso atender, deixe seu recado após o sinal.» De seis propostas, quatro estudantes traduziram «Alô» por «*Hola*», um por «*¡Diga!*» e um outro por «*Bueno*». Em Espanha, é costume dizer «*Diga*», «*Dígame*» ou «*¡Sí!*»; por sua vez, no México é frequente dizer «*Bueno*» e, na Argentina, «*Hola*». Em definitiva, é importante conhecer o valor comunicativo para adaptar a frase ao uso de cada variedade. Encontramos outro exemplo nas manchetes dos jornais como na frase 29: «Denúncia anônima levou os policiais ao esconderijo». Em espanhol, esta frase deve ser escrita no presente de indicativo em vez de no pretérito perfeito simples e deve incluir o artigo no início da frase: *Una denuncia anónima conduce a la policía al escondite*.

A tradução literal pode ser ainda mais perigosa quando se traduzem unidades fraseológicas (expressões idiomáticas, frases feitas, provérbios, etc.). Estas frases são expressões fixas, com uma significação própria, cujo sentido muitas vezes se afasta do literal, como acontece na proposta 7 da frase 208:

«O médico quer fazer uns exames para estar certo de que está tudo funcionando bem. E eu falei para ele que “vaso ruim não quebra”.»  
*El médico quiere hacerme unas pruebas para tener la certeza de que todo va bien.*  
*Yo le dije que «vaso malo nunca rompe».*

O provérbio «vaso ruim não quebra» é dito de pessoas ou animais que, apesar do mau feito, nunca morrem. Neste sentido, é equivalente em português «bicho ruim não morre». Em espanhol encontramos muitas variantes com o sentido do português: «*bicho malo, nunca muere*»; «*mala hierba nunca muere*» ou até, embora menos frequentes, «*cosa mala nunca muere*» ou «*el vaso malo nunca se cae de la mano*». O tradutor deverá escolher a expressão mais adequada em espanhol, rejeitando uma tradução literal.

A tradução dos elementos culturais é, portanto, um dos aspectos mais difíceis com que o estudante se vai deparar. Isto acontece em frases que incluem um léxico específico, próprio de uma comunidade. Aqui o tradutor tem várias possibilidades, exceptuando a nota de rodapé, para superar os limites culturais impostos pela cultura de partida. Vamos comentar o termo «salgadinhos» que aparece na frase 185: «Os brasileiros adoram uma categoria de comida que pode ser levada à boca com as mãos e que se acaba em uma ou duas mordidas. São os salgadinhos.» Os estudantes ofereceram diferentes traduções: o empréstimo directo («*salgadinhos*»); o empréstimo adaptado foneticamente («*salgadiños*»); a tradução literal («*saladitos*» e «*saladillos*») e uma tradução explicativa («*pasteles salados*»). Um estudante traduziu por «*galleta*», o que não é pertinente porque inclui a ideia de *doce* em vez de *salgado*. No entanto, há ainda outra solução que nos parece mais adequada numa frase tirada de um texto turístico: introduzir o empréstimo com uma explicação no início — «Son los aperitivos salados (*salgadinhos*)» — ou no fim — «Son los *salgadinhos* (o aperitivos salados)». Assim, conciliamos o próprio termo «salgadinhos» e a informação oferecida ao leitor pela tradução. Outras vezes o termo português já se encontra registado no dicionário da Academia Espanhola, como acontece com «cachaça» que aparece na frase 64: «Bebia cachaça pelo gargalo da garrafa e jamais foi visto embriagado». Curiosamente, todos os estudantes traduziram por «*aguardiente*» em vez de «*cachaza*», quando esta palavra na acepção de ‘*aguardiente de melaza de caña*’ aparece registada desde a edição de 1970 do dicionário da Academia Espanhola.

Apesar destas diferenças de tipo cultural, é evidente que as línguas portuguesa e espanhola, pela sua origem etimológica comum, partilham bastantes estruturas, referências culturais e grande parte do léxico. Ulsh (1971) estabelece, por exemplo, que mais de 85% do vocabulário português tem cognatos em espanhol. Contudo, a semelhança entre as duas línguas não é uma vantagem para o tradutor, que repetidas vezes se engana com muitas palavras que coincidem só na aparência. As interferências mais frequentes são decalques léxicos, às vezes derivados de falsos amigos, isto é, palavras, locuções ou frases idênticas ou semelhantes em espanhol e português mas que têm um significado diferente nas duas línguas como «romance», «balcão», «bacharelato» ou «sótão», esta última palavra aparece traduzida literalmente como «*sótano*» (o que em português é «a cave») na proposta 4 da frase 15:

«Por volta das nove da noite, um vizinho telefonou para denunciar a presença de um estranho no sótão.»  
*Hacia las nueve de la noche, un vecino llamó para denunciar la presencia de un extraño en el sótano.*

Existem termos que são falsos amigos apenas parcialmente, ou seja, são unidades polissémicas em que uma ou várias acepções em português apresentam um falso sentido e, no entanto, outra ou outras acepções coincidem com a língua espanhola. Vejamos o termo «cobra» da frase 230: «Aquela minhoca era tão grande que até parecia uma cobra». Em português, usa-se habitualmente como nome genérico para designar qualquer serpente sem especificar a espécie ou a variedade. Em espanhol, porém, uma «*cobra*» é uma espécie de serpente venenosa da ordem dos ofídios que existe em África e na Ásia. É curioso constatar que a palavra espanhola

«cobra» provém da língua portuguesa e o sentido real do termo «cobra» em português é o mesmo que em espanhol, embora quase não seja usado nesse sentido. Por conseguinte, se «cobra» se referir à verdadeira ‘naja da Índia’, traduzir-se-á para o espanhol por «cobra»; no entanto, se for usado com o sentido genérico, a tradução será «serpiente» ou «culebra».

As interferências gramaticais constituem outro grupo muito numeroso. Estas interferências são fruto do desconhecimento da língua de chegada (o que se observa nomeadamente nos estudantes lusófonos). A maioria dos erros têm a ver com questões sintácticas (ordem das palavras e estrutura da frase, conectores e diferentes procedimentos de ênfase) e morfológicas (especialmente o uso de preposições e locuções, formas de tratamento e os tempos verbais). Às vezes, encontramos a expressão de um pensamento escrito em espanhol, gramaticalmente correcto mas pouco idiomático. Estas interferências são frequentes quando o tradutor não traduz para a sua própria língua como acontece na proposta 3 da frase 193:

«Você não está achando que eu estou sendo branda demais? Eu estou achando.»  
***Tú no estás creyendo que estoy siendo demasiado blanda? Yo estoy creyendo.***

Mas pode acontecer que o tradutor de língua materna espanhola seja hipnotizado pela estrutura do original e decalque estruturas da língua de partida como vemos na proposta 6 da frase 114:

«Sou assim, que queres que te faça? Quando for a tua vez, fazes como achares melhor.»  
***Yo soy así, qué quieres que le haga? Cuando sea tu vez, haz como creas mejor.***

Um problema frequente é a tradução dos tempos verbais e, particularmente, a tradução do pretérito perfeito simples. Em português, o pretérito perfeito simples inclui muitas vezes o valor temporal do pretérito perfeito composto; por conseguinte, a forma simples pode ser traduzida pela forma composta em espanhol. Contrariamente ao que se passa em francês com o *passé simple*, o pretérito perfeito simples português tem grande vitalidade e pode usar-se indistintamente como passado fechado — expressando uma acção pontual e acabada — ou como passado ainda aberto — uma acção acabada, mas ainda presente, que em espanhol se expressa pelo pretérito perfeito composto. Por exemplo, na frase 89 «Segui tintim por tintim as recomendações. Larguei o cigarro, faço ioga e tirei de minha dieta todo tipo de carne», «larguei» e «tirei» podem ser traduzidos pela forma composta «*he dejado*» o «*he suprimido/ eliminado*».

Vamos comentar agora um exemplo relacionado com a tradução das formas de tratamento com base na expressão «a gente» quando esta funciona como pronome. Na linguagem falada ou familiar, tanto em Portugal como no Brasil, a expressão «a gente» é utilizada referindo-se à primeira pessoa do plural «nós» (caso da frase 58 «O velho sabia histórias engraçadas, e contava para a gente» / «[...] y nos las contaba»). Noutras ocasiões, pode designar ao falante, mas de modo impessoal como na frase 85: «A gente liga a televisão para se divertir e acaba em combustão!». Esta frase pode ser traduzida pelo impessoal «*Uno*» como na proposta 2: «*Uno pone la televisión para pasarlo bien y termina con un mal cuerpo.*» Contudo, muitos estudantes traduziram literalmente para «*la gente*»: «*La gente enciende la televisión para divertirse y acaba enfurecida*».

São muitos os casos em que o decalque se produz a nível ortográfico, uma consequência dos *parógrafos* que Álvarez Lugeris (1997: 50) define como «aqueles vocábulos que, tendo un significado igual ou moi semellante (en todo caso, que non induza a erros), posúen grafías lixeiramente diferentes e que nos podem inducir a erros ortográficos». No caso das línguas portuguesa e espanhola a diferença reduz-se, em muitas ocasiões, para a variação de apenas uma letra (b/v, j/g, c/q...), como observamos nos seguintes exemplos das frases 146 e 148:

«O gengibre é considerado desde a Antiguidade um forte afrodisíaco.»  
 «Era exatamente o que eu queria naquela altura: harmonia.»

Na primeira frase, de sete propostas, três traduziram «gengibre» por «gengibre» (em vez de «jengibre») e na segunda frase, das quinze propostas, três escreveram «harmonía» com «h» em espanhol. Em relação a esta última palavra, convém salientar que a Academia Espanhola aceita palavras com alternância ortográfica como acontece com «*harmonía*» e «*armonía*», embora seja mais utilizada a segunda.

Com efeito, as interferências relacionadas com os aspectos ortográficos e tipográficos — pontuação, acentuação, convenções da escrita, uso de maiúsculas e minúsculas — não são menos importantes do que as anteriores. Assim, em espanhol e em português, o travessão (—), que não se deve confundir com o hífen (-), utiliza-se, entre outros casos, nos diálogos para indicar o início ou a mudança de interlocutor ou para intercalar um comentário, uma oração incidental ou uma intervenção do narrador. A diferença radica no uso do travessão em cada língua. Em espanhol, os travessões vão unidos à oração incidental ou ao texto (caso do diálogo), sem espaços intermédios. Em português, no entanto, deve ir separado por um espaço. O tradutor, por falta de atenção, pode reproduzir na língua de chegada a norma tipográfica da língua de partida. Por exemplo, das nove propostas da frase 160 «— Vá lá, faz agora tu o mesmo!», três não puseram nenhum sinal e três utilizaram o hífen ou sinal matemático de menos. Por outro lado, em relação ao ponto de exclamação, dois estudantes não utilizaram nenhum sinal e um utilizou-o apenas no fim do enunciado. Às vezes, os estudantes não utilizam os pontos de abertura de exclamação ou de interrogação bem como o travessão por estes não estarem visíveis no teclado do computador. Nesses casos, bem como para a acentuação das vogais e para a letra «ñ», indicamos o meio para obter os acentos, letras e sinais; basta carregar ao mesmo tempo em [Alt] + o número correspondente:

á = [Alt]+ 160	Á = [Alt]+ 181	ñ = [Alt]+ 164	— = [Alt]+ 0151
é = [Alt]+ 130	É = [Alt]+ 144	¡ = [Alt]+ 173	õ = [Alt]+ 228
í = [Alt]+ 161	Í = [Alt]+ 214	¿ = [Alt]+ 168	ã = [Alt]+ 198
ó = [Alt]+ 162	Ó = [Alt]+ 224	« = [Alt]+ 174	Õ = [Alt]+ 229
ú = [Alt]+ 163	Ú = [Alt]+ 233	» = [Alt]+ 175	Ã = [Alt]+ 199

De um modo geral, as regras para o uso dos sinais de pontuação coincidem em português e espanhol — com excepção dos casos indicados do travessão e do ponto de exclamação e de interrogação —; porém, os hábitos no uso da pontuação nem sempre coincidem. Em português, como em espanhol, a vírgula emprega-se, entre outros casos, em repetições de palavras que desempenham a mesma função, caso não estejam ligadas pelas conjunções «e», «nem» e «ou». Mas, em português por motivos estilísticos, quando a conjunção se repete é costume pôr vírgulas como na frase 86: «Não se sabe muito bem como, nem quando, nem porque começou o conflito.» Na tradução para espanhol não é necessário a colocação das vírgulas, mas o estudante segue a pontuação portuguesa como na proposta 2: *No se sabe muy bien cómo, ni cuándo, ni por qué ha empezado el conflicto*. Há por isso a necessidade por parte do tradutor de pontuar correctamente o texto traduzido. Mas isto nem sempre acontece, como na frase 44, onde ninguém empregou uma pontuação correcta: «Chegou com os três filhos, dois pela mão, um ao colo.» Uma opção em espanhol era pôr dois pontos depois de «*hijos*» para introduzir o enunciado seguinte; nesse caso, podem ligar-se os dois termos pela conjunção copulativa: «*Llegó con los tres hijos: dos de la mano y uno en el regazo*». Em caso de se querer manter uma estrutura semelhante à frase portuguesa, a última parte da frase devia ser «*uno, en brazos*», posto que há um verbo elidido ou «*y uno, en brazos*», inserindo a conjunção.

Encontramos também discrepâncias no uso da maiúscula inicial em espanhol e em português. Por exemplo, em português, ao contrário do espanhol, emprega-se a inicial maiúscula nos nomes genéricos da toponímia urbana (Rua, Praça, Avenida...) e nos nomes dos meses e das estações do ano, como observamos nas frases 88 e 10: «Vamos encontrar ela à

tardinha na Praça da Liberdade»; «As zonas mediterrânicas terão Verões mais quentes e secos». Novamente, a falta de atenção ou o desconhecimento das regras levou seis dos oito estudantes a escreverem na tradução da primeira frase «*Plaza*», em maiúscula. Cabe lembrar neste assunto que existem diferenças dentro das variedades da língua portuguesa. Em português do Brasil, os nomes dos meses e das estações do ano também se escrevem em minúscula e com o *Novo Acordo Ortográfico* os nomes do calendário escrever-se-ão com minúscula inicial em ambas as partes do Atlântico. Contudo, não há regra sem exceção e em espanhol os nomes dos dias da semana, dos meses e das estações do ano, escrevem-se com maiúscula quando fazem parte de datas históricas, dias feriados ou nomes próprios: *Dos de Mayo*, *Primavera de Praga*, *Viernes Santo*, *Hospital Doce de Octubre*. No que diz respeito aos nomes das vias ou espaços urbanos, a RAE recomenda escrever com maiúscula os nomes genéricos procedentes da língua inglesa: *Oxford Street*, *Quinta Avenida*, *Central Park*, como é habitual nessa língua. É de supor, portanto, que podemos usar a mesma regra para a língua portuguesa.

Como podemos observar, numerosas são as interferências na tradução de português para espanhol; no entanto, para além das incorrecções gramaticais e idiomáticas, das interferências ou das inexactidões, existem excelentes versões que reproduzem o valor estilístico e rítmico da frase portuguesa, como na proposta 9 da frase 8:

«Ainda **bem** que **vem** aí o Carnaval!»  
*¡Menos mal que el Carnaval ya llega!*

Muitos estudantes procuram também o distanciamento do texto de partida, evitando a tradução palavra por palavra, realizando traduções bem pontuadas e muito expressivas em espanhol, como na proposta 8 da frase 78:

«Estou tão nervosa! Mal consigo escrever.»  
*¡Estoy tan nerviosa que casi no puedo escribir!*

Ou alteram mesmo a ordem da frase portuguesa a fim de adoptar a ordem mais natural em espanhol, é o caso da proposta 5 da frase 174:

«É neste sentido que sou um obá, isto é, uma pessoa que o povo conhece, ama e respeita.»  
*En este sentido soy un “obá”, es decir, una persona conocida, amada y respetada por el pueblo.*

### Referências bibliográficas

- ÁLVAREZ LUGRÍS, A. 1997. *Os falsos amigos da tradução. Criterios de estudio e clasificación*. Serviço de publicacions da Universidade de Vigo: Vigo.
- LÓPEZ GUIX, J. G. e MINETT WILKINSON, J. 1997. *Manual de traducción inglés-español*. Barcelona: Gedisa.
- ULSH, J. L. (Org.). 1971. *From Spanish to Portuguese*. Washington, D.C: Foreign Service Institute. Citado por FILHO, José Carlos P. de Almeida. 2001. «Uma metodologia específica para o ensino de línguas próximas?». Em: *Português para Estrangeiros Interface com o Espanhol*. Campinas: Pontes, p. 15 [2ª ed.].